

“HISTÓRIAS E SONS”: O USO DE ONOMATOPEIAS NO TRABALHO COM AS LINGUAGENS VERBAL E MUSICAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Elis Beatriz de Lima Falcão¹

Darcy Alcantara Neto²

Pedro Ivo Natalli³

Marcelo Dutra Coutinho⁴

Resumo: O artigo relata vivências ocorridas no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), mais especificamente no subprojeto Música e em parceria com o Centro de Educação Infantil Criarte/Ufes. As experiências desenvolvidas com crianças de 5 e 6 anos tiveram como proposta a aproximação de duas linguagens, a verbal (leitura e escrita) e a musical a partir de uma perspectiva discursiva e dialógica de linguagem, na qual as crianças se apropriam das mesmas de forma ativa, crítica e criativa, e, portanto, não como um produto acabado, com um fim em si mesmas. Observamos que as concepções de língua, texto e música subsidiadas em Geraldi (2003), Brito (2003) e no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), contribuíram para que as crianças vivenciassem situações de ensino e aprendizagem em que o texto, entendido como produto de sujeitos sócio-históricos, representasse o papel de articulador entre ambas as linguagens.

Palavras-chave: Onomatopeia; Texto; Música; Educação infantil; Pibid.

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo, professora do Centro de Educação Infantil Criarte/Ufes e supervisora do Pibid Música Ufes. beatrizelis@hotmail.com.

² Mestre em Música pela Universidade Federal de Minas Gerais, professor adjunto no Departamento de Teoria da Arte e Música (DTAM/Ufes) e coordenador do Pibid Música Ufes. darcyalcantaraneo@gmail.com.

³ Graduando no curso de Licenciatura em Música da Ufes e bolsista de iniciação à docência do Pibid Música Ufes. pedrosn93@hotmail.com.

⁴ Graduando no curso de Licenciatura em Música da Ufes e bolsista de iniciação à docência do Pibid Música Ufes. marcelomusicoc@gmail.com.

Introdução

O artigo relata vivências no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), subprojeto Música, cujo objetivo geral é promover a articulação do curso de Licenciatura em Música às escolas de educação básica. Nesta comunicação, apresentaremos um relato de experiências desenvolvidas no Centro de Educação Infantil Criarte/Ufes com vistas a aproximar duas linguagens, a verbal (leitura e escrita) e a musical, em uma perspectiva discursiva e dialógica a partir de um planejamento pedagógico que teve como temática as onomatopeias presentes nas histórias em quadrinhos.

O trabalho com as diferentes linguagens é apontado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, sinalizando que as propostas pedagógicas devem ter como objetivo

garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças. (BRASIL, 2010, p. 18)

Na educação infantil, esse trabalho com as múltiplas formas de expressão deve ser priorizado levando em consideração as suas especificidades, dentre elas a de considerar as maneiras pelas quais as crianças interpretam o mundo e constroem seus pensamentos. Nos compete, portanto, reconhecer que as manifestações infantis ocorrem pelo desenho, pelas histórias que contam, pela expressividade musical e corporal, pelas representatividades simbólicas do brincar e do faz de conta.

Essa forma de conceber as diferentes linguagens na educação infantil nos remete a pensar em uma concepção de criança de forma integral, que possa ser vista

nas suas diferentes dimensionalidades de forma integrada e não fragmentada – o cognitivo, o linguístico, o corporal, o afetivo, o biológico, são estas algumas das dimensões da criança (BRASIL, 2010). Nos remete ainda a pensar acerca da proposta pedagógica desenvolvida na educação infantil. As diretrizes apontam para que o eixo central do currículo seja a “interação” e a “brincadeira”, o que nos permite refletir sobre o modo como organizamos os espaços e tempos na educação infantil, visto que não devemos privilegiar apenas uma linguagem nem tampouco negligenciar qualquer uma delas.

Nesse sentido, as vivências descritas neste trabalho buscaram articular as várias linguagens, com destaque para a verbal (leitura e escrita) e a musical. Por um lado, acreditamos ser um desafio exercitar a linguagem verbal sem fazer desta a principal forma de expressão das crianças. É também estimulante conceber as atividades a partir de um planejamento organizado e integrado, explorando e potencializando as formas construídas pelas crianças para se comunicar e experimentar os espaços-tempos coletivos da educação infantil.

Por outro lado, sabemos que o trabalho com a música na educação infantil tem atendido a objetivos alheios às questões específicas desta linguagem, como a formação de hábitos, comportamentos e atitudes. É comum também a utilização de bandinhas rítmicas com instrumentos de qualidade sonora deficiente, o que “reforça o aspecto mecânico e a imitação, deixando pouco ou nenhum espaço às atividades de criação ou às questões ligadas a percepção e conhecimento das possibilidades e qualidades expressivas dos sons” (BRASIL, 1998, p. 47). Mesmo que tais procedimentos estejam sendo repensados, ainda se percebe que frequentemente “a música é tratada como se fosse um produto pronto, que se aprende a reproduzir, e não uma linguagem cujo conhecimento se constrói” (BRASIL, 1998, p. 47).

Na verdade, ao lado da expressão verbal e corporal, as práticas musicais ocupam um papel de destaque entre as formas de expressão adotadas pelas crianças. Assim como as outras linguagens, a música está presente em todas as culturas, nas mais diversas situações: em comemorações, brincadeiras, rituais religiosos e manifestações

políticas, por exemplo, conforme aponta o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI).

A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo à linguagem musical. É uma das formas importantes de expressão humana, o que por si só justifica sua presença no contexto da educação, de um modo geral, e na educação infantil, particularmente. (BRASIL, 1998, p. 45)

Assim, a partir da concepção da criança como um ser integrado, e visando a contrapor esta ênfase histórica na apropriação da linguagem verbal em detrimento de outras, e ao mesmo tempo cuidando para não reduzir a expressão musical a atividades de reprodução e imitação, nem instrumentalizá-la para outros fins, foi proposto o trabalho de criação de sons e de suas grafias correspondentes, dimensões importantes na construção de ambas as linguagens, e materializados aqui nas onomatopeias.



Fotografia 1. Vivenciando uma história com onomatopeias.

Fonte: Acervo CEI Criarte/Ufes.

Desenvolvimento

A experiência aqui relatada foi vivenciada em um Centro de Educação Infantil federal, o CEI Criarte, localizado no campus de Goiabeiras da Universidade Federal do Espírito Santo, no município de Vitória (ES), em uma turma com 20 crianças na faixa etária entre 5 e 6 anos. O trabalho se realizou no ano de 2017, durante o desenvolvimento de projeto institucional que almejou homenagear o cartunista brasileiro Maurício de Souza e sua criação mais conhecida: os personagens da Turma da Mônica.

Considerando essa temática, indicamos para o planejamento geral o trabalho com onomatopeias, devido a sua presença nas histórias em quadrinhos e porque nossas intervenções aconteceram na turma do grupo 5 – trata-se de um grupo no qual as crianças estão em processo de alfabetização e as histórias em quadrinhos contribuem assim para estimular a leitura, devido aos recursos gráficos presentes nesse gênero textual (imagens, balões e onomatopeias), que facilitam a compreensão por parte dos alunos.

As onomatopeias fazem parte dos recursos expressivos que se mostram nos aspectos sonoros das palavras e consistem na imitação de um som ou da voz natural dos seres (PASCHOALIM; SPADOTO, 2008). As onomatopeias têm origem na linguagem oral e contribuem para deixar o texto mais poético, divertido e fácil de ser compreendido, sendo um recurso bastante utilizado nas histórias em quadrinhos.



Fotografia 2. Conhecendo placas de onomatopeia e seus respectivos sons.

Fonte: Acervo CEI Criarte/Ufes.

Reconhecendo o potencial de expressão vocal das crianças e o caráter lúdico presente nas onomatopeias, pensamos que a linguagem musical, que tem no som um de seus mais importantes elementos de construção, poderia aproximar-se assim da linguagem verbal, permitindo a inserção dos bolsistas ID do Pibid Música no trabalho realizado pela docente e supervisora do Pibid. A onomatopeia estaria, portanto, no meio do caminho entre as linguagens, como interface entre os objetivos específicos da percepção do som e seus atributos e as questões específicas da linguagem verbal, do letramento, da oralidade e da aquisição da escrita, integrando uma proposta expressiva e criativa.

Por um lado, devemos reconhecer que a dimensão da expressão vocal foi, por muito tempo, a mais enfatizada no trabalho com o ensino de música na educação infantil, sobretudo através do canto, uma prática importante, democrática e significativa. Mas Brito (2003, p. 89) nos provoca à reflexão para o fato de que, com as crianças, “Além de cantar, devemos brincar com a voz, explorando possibilidades sonoras diversas: imitar vozes de animais, ruídos, o som das vogais e das consoantes (com a preocupação de enfatizar a formação labial), entoar movimentos sonoros (do grave para o agudo e vice-versa), pequenos desenhos melódicos etc.”. Brito (2003, p. 89) aponta ainda para a ideia de que, “Utilizando apenas sons vocais, é possível

sonorizar histórias, contos de fadas, livros com imagens de paisagens sonoras diversas e desenhos de animais. Também podemos inventar, junto com as crianças, composições que utilizem diferentes sons vocais, sonorizar vocalmente diferentes formas gráficas etc.”

A proposição de Brito (2003) reforçou-nos a crença de que estávamos no caminho certo: a possibilidade de utilizar sons (a princípio vocais, e posteriormente de outras fontes sonoras) para ampliar as concepções linguísticas, visuais, teatrais e musicais e potencializar a produção de significados artísticos poderia ser nutrida por conhecimentos da linguagem musical. Naturalmente, as intervenções realizadas pelos bolsistas do Pibid Música no CEI Criarte acontecem em consonância com as especificidades da área, mas sempre em íntima relação com os projetos desenvolvidos pelas docentes das turmas e em diálogo com o projeto político pedagógico da unidade de ensino.



Fotografia 3. Buscando formas no ambiente para representar o som proposto nas placas de onomatopeia.

Fonte: Acervo CEI Criarte/Ufes.

Considerando essas prerrogativas, o planejamento desenvolveu propostas que tiveram como objetivos: estimular o interesse pela leitura de histórias em quadrinhos; ler e compreender histórias em quadrinhos; compreender características deste gênero literário, como onomatopeias; identificar sons traduzidos por onomatopeias;

relacionar o som da onomatopeia à representação gráfica da mesma; criar histórias a partir de onomatopeias, explorar sons considerados adequados para a sonoplastia das narrativas criadas, utilizando a voz e diferentes materiais; e vivenciar auditivamente os principais atributos dos sons, como altura, intensidade, timbre e duração.

Para o desenvolvimento dos objetivos acima, consideramos, como destacado por Geraldi (2003, p. 135), o texto como ponto de partida e de chegada, visto que “é no texto que a língua se revela em sua totalidade quer enquanto conjunto de formas e de reaparecimento, quer enquanto discurso”. Sendo discursos, se diferem de produção de texto para a escola e de produção de texto na escola, pois “[...] o sujeito articula, aqui e agora, um ponto de vista sobre o mundo que, vinculado a uma certa formação discursiva, dela não é decorrência mecânica, seu trabalho sendo mais do que mera reprodução” (GERALDI, 2003, p, 136).

No entanto, articulado ao processo de produção de texto está a leitura de textos, também como um processo de produção de sentidos. Geraldi (2003, p. 171) destaca que a leitura incide sobre o que nós temos a dizer, “porque lendo a palavra do outro, posso descobrir nela outras formas de pensar, que, contrapostas às minhas, poderão me levar à construção de novas formas, e assim sucessivamente”.

Nesta perspectiva, a proposta iniciou com a leitura e compreensão de algumas histórias em quadrinhos a partir de algumas estratégias de leitura para que as crianças produzissem sentidos. Compreendemos assim, que a atribuição de sentidos de um texto, ocorre quando há um diálogo entre texto, autor e leitor, havendo posteriormente uma ressignificação do contexto.

A partir da concepção de linguagem da proposta político-pedagógica do CEI Criarte que a defende como atividade social, lugar e espaço de interação entre sujeitos em um determinado contexto comunicativo e que é constituída nas relações humanas e, ao mesmo tempo, mediadora do processo de formação dos seres humanos (BAKHTIN, 1999), planejamos intervenções nas quais as crianças vivenciassem a linguagem como interação verbal.



Fotografia 4. Criando placas de onomatopeias.
Acervo CEI Criarte/Ufes.

Assim sendo, as crianças foram desafiadas a pensar em sons e produzir placas que simbolizassem os respectivos sons, apresentando para seus colegas e professores (interlocutores); foram instigadas a criar histórias e apresentar aos colegas utilizando as onomatopeias escolhidas. Nesse sentido, o dizer das crianças não tinha como foco a reprodução de sentidos, mas a possibilidade delas se enunciarem.



Fotografia 5. Apresentando aos colegas as placas com onomatopeias que foram produzidas.
Fonte: Acervo CEI Criarte/Ufes.

A atividade de sonorização de histórias é mencionada pelos Referencial Curricular Nacional. Neste tipo de proposta, “as crianças precisam organizar de forma expressiva o material sonoro, trabalhando a percepção auditiva, a discriminação e a classificação de sons (altura, duração, intensidade e timbre)” (BRASIL, 1998, p. 62). O documento sugere ainda que “Os contos de fadas, a produção literária infantil, *assim como as criações do grupo* são ótimos materiais para o desenvolvimento dessa atividade que poderá utilizar-se de sons vocais, corporais, produzidos por objetos do ambiente, brinquedos sonoros e instrumentos musicais” (BRASIL, 1998, p. 62, grifos nossos). No processo de sonorização, seguimos algumas estratégias para a escolha dos sons que representariam as onomatopeias criadas. Em uma das intervenções, fomos com toda a turma à sala de música – ambiente organizado pela equipe do Pibid em parceria com a unidade de ensino – e mostramos cerca de duas a três opções de fontes sonoras escolhidas previamente pelos bolsistas ID para representar as onomatopeias. Dentre as opções apresentadas, que incluíram sons produzidos pelo teclado, tambor, escaleta, apito, partes da bateria (surdo, caixa, tom e bumbo), teclado, triângulo e maracas, entre outros, as crianças escolheram as opções que julgaram mais interessantes ou pertinentes para sons como os da buzina de carro, de uma porta batendo ou do coração. Além das diferenças na escolha das fontes sonoras, foi percebido também que a maneira de produzir o som afetava atributos como timbre, altura e intensidade, que foram então reconhecidos como mais ou menos apropriados pelas crianças.

Um exemplo foi o som do coração. Para esse, mostramos alguns dos tambores (surdo, caixa e bumbo) da bateria infantil da sala de música e as crianças consideraram que o surdo “parecia mais” com o som do coração. Escolhido o instrumento, produzimos o som utilizando baquetas e depois batendo com a mão sobre a pele do surdo; as crianças afirmaram então que o som produzido com a mão diretamente no instrumento era “mais parecido” com o som do coração. Cabe destacar que, para alguns dos sons, propusemos às crianças utilizarem a voz, demonstrando assim que, o corpo também produz sons capazes de “imitar” outros, e não só o ambiente e os instrumentos musicais; foi este o caso dos sons do leão e do galo.

Durante as escolhas dos sons, foram mostradas opções que não tinham muita semelhança com a onomatopeia a ser representada. No coração, por exemplo, sugerimos sons agudos, como o produzido pelo triângulo; logo, as crianças, responderam que não era parecido, que o som do coração era mais grave. Percebemos, assim, o desenvolvimento das habilidades de comparação entre sons de diferentes naturezas, que passa pela identificação auditiva de aspectos como timbre e altura.



Fotografia 6. Escolhendo sons instrumentais para compor a história inventada.

Acervo CEI Criarte/UFes

Em uma das intervenções, encorajamos as crianças para que procurassem na sala de aula qualquer objeto que produzisse o som que precisassem, e depois usariam tal som para contar uma história para a turma. Em certo sentido, nosso trabalho se aproxima assim da perspectiva de sonorização de histórias, conforme recomendada pelo Referencial.

O professor e as crianças, juntos, poderão definir quais personagens ou situações deverão ser sonorizados e como, realizando um exercício prazeroso. Como representar sonoramente um bater de portas, o trotar de cavalos, a água correndo no riacho, o canto dos sapos e, enfim, a diversidade de sons presentes na realidade e no imaginário das crianças é atividade que envolve e

desperta a atenção, a percepção e a discriminação auditiva. (BRASIL, 1998, p. 62-63).

Devem-se considerar duas diferenças importante em relação às atividades comumente realizadas envolvendo a sonorização de histórias. Primeiramente, a vivência das onomatopeias foi o ponto de partida para a invenção de histórias pelas próprias crianças; em segundo lugar, os sons representados pelas onomatopeias foram então recriados por meio de fontes sonoras variadas, buscando captar similaridades com os atributos sonoros característicos de certos instrumentos musicais e outras fontes sonoras disponíveis. Foi a onomatopeia, portanto, o elemento articulador entre as linguagens.

No desenvolvimento da proposta, observamos que as crianças podem vivenciar e entender questões relativas a acústica e produção de som também experimentando instrumentos, como o que ocorreu na gravação do som da pipoca estourando na panela. Uma das crianças reproduziu o som na caixa da bateria com duas baquetas; a aluna começou tocando com mais suavidade e notas mais espaçadas, simulando que a pipoca estava começando a estourar, e foi então subdividindo os ataques rítmicos e crescendo a dinâmica (isto é, tocando com mais intensidade). Curiosamente, não demonstramos nenhum destes procedimentos antecipadamente, a criança encontrou uma maneira própria, a partir de sua memória e de suas próprias referências auditivas, e o som produzido evocou conceitos de subdivisão rítmica, uma estrutura fundamental na linguagem musical.

O desenvolvimento das propostas acima, além de contemplarem inúmeros objetivos da linguagem musical, contribuíram significativamente para a dimensão simbólica que envolve a apropriação da linguagem escrita. Ao convencionar um som a um símbolo, e um símbolo a um som, ao transpor um símbolo para um som concreto em um instrumento, ao transpor um som para uma história inventada, ao representar essa história oral em desenho e escrita, as crianças foram incentivadas a movimentar o pensamento em uma perspectiva de transposição simbólica, pois foi necessário que

partissem de uma relação direta para uma relação arbitrária (simbolismo de segunda ordem) que necessita, portanto, de substituição no processo de representação.

Essa relação de substituição na articulação entre linguagem musical e linguagem verbal foram significativas para o processo de apropriação da própria linguagem verbal, pois como destaca Vigotski, a linguagem escrita é um simbolismo de segunda ordem, assim sendo, o mínimo desenvolvimento da escrita exige um alto nível de abstração, pois “ao aprender a escrever, a criança precisa se desligar do aspecto sensorial da fala e substituir palavras por imagens de palavras” (VIGOTSKI, 2008). O trabalho com as onomatopeias contribuiu assim para o processo de apropriação da relação arbitrária que envolve a linguagem escrita, pelo fato das crianças poderem perceber, por meio delas, que determinados objetos podem denotar outros, tornando-se, assim, seus signos.

O trabalho discursivo realizado com as crianças teve como fruto a produção de textos, histórias por elas inventadas a partir das onomatopeias escolhidas, que integraram o livro intitulado “Histórias e sons”, acompanhado de um CD. As gravações de áudio contemplam o som das onomatopeias produzidos pelas crianças no Estúdio do Curso de Música da Ufes. Após a gravação dos sons pelas crianças, as histórias foram narradas pelos dois bolsistas ID e pela professora supervisora, com o auxílio do técnico do estúdio, Marco Cavalca, que também realizou a mixagem dos áudios. Foram incorporadas ainda pequenos trechos de trilhas musicais para caracterizar estados de espírito e definir espaços-tempos da narrativa.



Fotografia 7. Gravando no estúdio do curso de Música da Ufes o CD do livro “Histórias e sons”.
Acervo CEI Criarte/Ufes.

Embora o livro inclua texto e ilustrações produzidos pelos alunos, cabe notar a sintonia com outra proposta trazida no RCNEI, quando afirma que “Os livros de história só com imagens são muito interessantes e adequados para esse fim. Neste caso, após a fase de definição dos materiais, a interpretação do trabalho poderá guiar-se pelas imagens do livro, que funcionará como uma partitura musical”.



Fotografia 8. Capa do livro escrito com as histórias inventadas pelas crianças do grupo 5.
Acervo CEI Criarte/Ufes.

Outra experiência significativa foi apreciar, com as crianças, o CD finalizado. Ao escutar as gravações, empolgaram-se e se divertiram, tecendo comentários em que demonstraram o reconhecimento dos colegas como autores dos sons. As crianças comentaram mais os sons que foram gravados com as vozes, como o som do leão e do galo, quando a resposta ao ouvir a voz do colega foi imediata. Uma criança comentou que o som do galo feito por um dos meninos estava parecendo voz de menina, por ele ter vocalizado em uma região mais alta (aguda), ao imitar o animal, mas mesmo assim reconheceram de quem era a voz.

Desdobramentos e perspectivas futuras

O trabalho realizado pelas crianças do grupo 5 teve influência em outra atividade do Pibid Música na Criarte, que veio a ser realizada em comemoração ao Dia das Crianças, em outubro de 2017. Trata-se da elaboração e apresentação de uma peça, criada pelos bolsistas que atuam na unidade ensino, intitulada “A Bruxa que roubou os sons”. Na história, cada personagem produzia um som que o caracterizava e esse som era personificado por um instrumento musical, que era assim executado, em tempo real.

Outro desdobramento importante foi a apresentação das histórias sonorizadas, no III Seminário Institucional do Pibid, para bolsistas e professores de outros subprojetos, no auditório do Centro de Ciências Exatas da Ufes. A apresentação seguiu a estrutura do CD, com a narração das histórias pelos bolsistas e a sonorização pelas crianças, utilizando os mesmo instrumentos presentes nos áudios.

Por outro lado, a avaliação das ações desenvolvidas nas vivências aqui relatadas aponta também para a possibilidade de aprofundamentos futuros, a serem incorporados na atuação dos bolsistas de iniciação à docência do subprojeto Música. Um dos aspectos a serem considerados é o trabalho com alguma forma de registro gráfico criado pelas próprias crianças para representar os gestos sonoros escolhidos, juntamente com as onomatopeias.

Representar o som por meio do desenho é trazer para o gesto gráfico aquilo que a percepção auditiva identificou, constituindo-se em primeiro modo de registro. Pode-se propor, para crianças a partir de quatro anos, que relacionem som e registro gráfico, criando códigos que podem ser lidos e decodificados pelo grupo: sons curtos ou longos, graves ou agudos, fortes ou suaves etc. (BRASIL, 1998, p. 75)

Em uma das escolhas de representação sonora para a onomatopeias do vento, pensou-se primeiramente nos sons produzido com a própria boca, mas, após encontrarmos na sala de música sacolas plásticas de supermercado, surgiu a ideia de produzir o som apertando as sacolas em movimentos circulares. Levando adiante o trabalho com a percepção das diversas fontes sonoras e suas qualidades expressivas, a escolha de materiais alternativos para a produção de sons adequados à representação das onomatopeias nos aproximaria de outra vertente bastante explorada no ensino de música na educação infantil: a construção de instrumentos junto com as crianças, que permite “vivenciar e entender questões relativas a acústica e produção do som” (BRASIL, 1998, p. 68). É esta também uma possibilidade de desenvolvimento futuro.

No curso do trabalho, mais à frente, poderia ser incorporada ainda alguma forma de criação melódica, como outra dimensão musical a ser explorada na criação das histórias pelas crianças. O RCNEI considera que, a partir dos três anos,

A criança memoriza um repertório maior de canções e conta, conseqüentemente, com um “arquivo” de informações referentes a desenhos melódicos e rítmicos que utiliza com frequência nas canções que inventa. Ela é uma boa improvisadora, “cantando histórias”, misturando ideias ou trechos dos materiais conhecidos, recriando, adaptando etc. É comum que, brincando sozinha, invente longas canções. (BRASIL, 1998, p. 52)

Buscamos, neste trabalho a integração do trabalho musical a outras linguagens expressivas, já que, “por um lado, a música mantém contato estreito e direto com as demais linguagens expressivas (movimento, expressão cênica, artes visuais etc.), e, por outro, torna possível a realização de projetos integrados” (BRASIL, 1998, p. 49). Acreditamos que, neste trabalho, atendemos também a outra preocupação trazida pelo documento. Observando que as atividades envolvendo a música permeiam o cotidiano da educação infantil, o RCNEI afirma que “É preciso cuidar, no entanto, para que não se deixe de lado o exercício das questões especificamente musicais” (BRASIL, 1998, p. 49).

Deve-se fazer ainda a ressalva de que focalizamos neste artigo as linguagens verbal e visual, ainda que tenha havido momentos de vivência em outras manifestações artísticas, como as cênicas e visuais. A escolha do recorte se deu devido à formação dos bolsistas e autores.



Fotografia 9. Crianças do grupo 5 apresentando as histórias inventadas no III Seminário Institucional do Pibid/ Ufes.
Acervo CEI Criarte/Ufes

Considerações finais

Observamos que as concepções de língua, texto e música que fundamentaram as práticas pedagógicas aqui relatadas contribuíram para que as crianças vivenciassem

situações de ensino e aprendizagem em que o texto, entendido como produto de sujeitos sócio-históricos, representou o papel de articulador entre ambas as linguagens.

As propostas desenvolvidas contemplaram as manifestações infantis de representação, simbolismo, oralidade, gestualidade e construção de pensamento no trabalho articulado com a linguagem musical e verbal. Nessa perspectiva, o trabalho com as onomatopeias contribuiu para o processo de apropriação da relação arbitrária que envolve a linguagem escrita, pelo fato das crianças poderem perceber, por meio delas, que determinados objetos podem denotar outros, tornando-se, assim, seus signos.

Em relação à linguagem musical, partimos da concepção que retoma “a música como linguagem e forma de conhecimento, devendo ser considerada nas dimensões de produção, apreciação e reflexão” (BRASIL, 1998, p. 48). Trabalhou-se com o escutar, o perceber, o produzir e o discriminar de eventos e fontes sonoras diversas, por meio da brincadeira com os sons, da imitação, da invenção. A exploração e identificação de elementos sonoros permitiram ainda ampliar o alcance expressivo das histórias, inserindo-se portanto em uma atividade criativa e significativa, e não meramente uma tarefa descontextualizada de reconhecimento e discriminação auditiva.

Esta compreensão mais ampla sobre as possibilidades de utilizar os sons vocais e instrumentais no contexto de histórias criadas pelas próprias crianças para ampliar as concepções linguísticas, visuais, teatrais e musicais e potencializar a produção de significados artísticos está aqui representada no trabalho vivenciado pelos alunos do grupo 5 do CEI Criarte, no trabalho de parte da equipe do Pibid Música Ufes.

Referências

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 13 ed. 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação*. Brasília: MEC/SEB, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Volume 3. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRITO, Teca Alencar. *Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança*. São Paulo: Peirópolis, 2003.
- PASCHOALIM, Maria Aparecida; SPADOTO, Neusa Terezinha. *Gramática: teoria e prática*. Ed renovada. São Paulo: FTD, 2008.
- VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo. Martins Fontes, 2008.
- SCHUCHTER, Terezinha. *Projeto político pedagógico do Centro de Educação Infantil Criarte*. Vitória: 2016.